

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

KARINA DA SILVA NUNES

**UM ACERVO PARA CHAMAR DE MEU:
BIBLIÓFILOS COMO PRESERVADORES DA CULTURA IMPRESSA**

Porto Alegre

2012

KARINA DA SILVA NUNES

**UM ACERVO PARA CHAMAR DE MEU:
BIBLIÓFILOS COMO PRESERVADORES DA CULTURA IMPRESSA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lizete Dias de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Me. Marlise Giovanaz

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Neto

Vice Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Regina Helena Van der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Chefe substituta: Sônia Elisa Caregnato

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Samile Andréa de Souza Vaz

Coordenadora substituta: Glória Isabel Sattamini Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)

N972u Nunes, Karina da Silva

Um acervo para chamar de meu: bibliófilos como preservadores da cultura impressa / Karina da Silva Nunes - 2012

56 f. ; il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação / Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2012.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lizete Dias de Oliveira

Coorientadora: Prof.^a Me. Marlise Giovanaz

1. Livro-Colecionismo. 2. Colecionador. 3. Bibliofilia. 4. Bibliófilo. 5. Coleção particular. 6. Preservação. I. Oliveira, Lizete Dias de. II. Giovanaz, Marlise. III. Título.

CDU 090.1

*Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2750 – Bairro Santana
CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS
Fone: (51) 3308-5067
E-mail: fabico@ufrgs.br*

FOLHA DE APROVAÇÃO

KARINA DA SILVA NUNES

UM ACERVO PARA CHAMAR DE MEU: BIBLIÓFILOS COMO PRESERVADORES DA CULTURA IMPRESSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 10 de dezembro de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Lizete Dias de Oliveira
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Prof.^a Dra. Jeniffer Alves Cuty
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Bibliotecária Tânia Mayer Evangelista
Faculdades Integradas de Taquara - FACCAT

AGRADECIMENTOS

A Deus pela oportunidade de estar aqui, ao meu anjo da guarda e aos bons espíritos que me guiaram pelo caminho certo até essa vitória.

Ao meu pai, e por tudo que ele representa para mim, meu ídolo. A minha mãe, que fez de mim uma pessoa com princípios e educação acima de tudo. Minha mana Sabrina, que fez a minha inscrição no vestibular por conta própria e que nunca deixou de acreditar que eu conseguiria. Aos tios, tias e primos que sempre deram toda a força.

A Tati, 11 anos de grande amizade, construída ainda no colégio.

As minhas amigas do coração feitas ao longo do curso: Elizete, incontáveis momentos que passamos juntas, alegrias, tristezas, *stress* dos trabalhos. Com certeza a FABICO mudou nossas vidas para sempre.

Josi, minha amiga à primeira vista, companheira para os melhores momentos e para piores crises, obrigada por me escutar e pelo companheirismo de sempre.

Vivian, com quem troco e-mails longos e filosofo sobre sentimentos, tudo no final sempre dá certo e a nossa amizade é para sempre. Mariana, Luana, Luízia, Daiane, Dina, Claudia, Cris, obrigada pela amizade, encontros e aniversários.

Ao pessoal da apaixonante biblioteca da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), Joel Lisboa e bibliotecária Carmem Lapolli von Hoonholtz exemplo de profissional a ser seguida e que me ensinou que as coisas não podem ser menos que perfeitas.

Aos meus eternos amores da Biblioteca do Tribunal de Justiça:

A Magda Massim, em especial, pela amizade construída, pelas brincadeiras e incentivos. Obrigada claro, pela ajuda com os trabalhos finais.

A Ziza e Alceu, obrigado pelos conselhos, ensinamentos, risadas e pelas caronas.

Adriana de Boer, a bibliotecária mais fofa e simpática do mundo, obrigada pela paciência e por ter sempre as respostas para as milhares de perguntas.

A Eliana Mendes, chefinha do coração, obrigada por ter me escolhido naquela seleção e me dado à chance de trabalhar com os melhores.

A Vera Lucia Pressoto, Jaqueline Butelli, Vera Regina Valente e Ana Valquiria pelas oportunidades de aprendizado e crescimento profissional. Ao Luís Eccel, meu gremista preferido e ao Nilo Machado, meu colorado preferido.

As colegas estagiárias do TJ que se transformaram em mais que só colegas, a Cyntia pela ajuda com o projeto e pelas informações valiosas sobre a formatura, Vanessa, Andrieli, Aline e Lidiane.

As minhas orientadoras, as melhores professoras do curso e que tive a sorte de poder trabalhar com as duas: Lizete Dias de Oliveira, obrigada pela adoção no TCC, pela simpatia e pela prestatividade de sempre. Marlise Giovanaz, obrigada por ter acreditado no tema, por todas as informações valiosas e por dar a melhor aula do mundo.

A Jeniffer Cuty, pelas oportunidades de trabalho e experiências de aprendizado ao longo do curso, a inspiração para o tema da monografia partiu de uma frase tua: “Pensar na lógica do colecionador”.

Enfim, um ciclo se encerra com muitas amizades construídas e muitas possibilidades pela frente.

Guardar... Guardar... Guardar
Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la
Em cofre não se guarda nada
Em cofre perde-se a coisa à vista
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la
Mirá-la por admirá-la
Isto é, iluminá-la e ser por ela iluminado
Estar acordado por ela
Estar por ela
Ou ser por ela

(Antônio Cícero)

RESUMO

A monografia apresenta estudo teórico que investiga a contribuição dos bibliófilos para a preservação do livro como suporte da informação. Relata, a partir de pesquisa bibliográfica, a origem e percurso histórico do livro até os dias atuais. Contextualiza a prática do colecionismo e investiga as características dos colecionadores. Caracteriza a bibliofilia como forma de colecionismo, especificamente colecionismo bibliográfico. Aponta as ações dos bibliófilos para compor e manter seus acervos. Busca compreender o universo da bibliofilia e do amor aos livros. Expõe a relação mantida entre bibliófilos e seus livros. Aborda o contexto da manutenção de acervos particulares fora de unidades de informação. Demonstra a importância do livro como suporte da informação a partir de seu contexto histórico e cultural. Debate a substituição ou não do livro impresso pelas novas tecnologias da informação. Mostra a participação benéfica dos bibliófilos na preservação do livro como objeto a partir do tratamento especial por eles dedicado aos livros.

PALAVRAS-CHAVE: Livro. Colecionismo. Colecionador. Bibliofilia. Bibliófilo. Coleção particular. Preservação.

ABSTRACT

The monograph presents theoretical study that investigates the bibliophiles' contribution for the preservation of the book as an information support. According to bibliography research, it reports on the origin and the historic course of the book until the present. It contextualizes the practice of collecting and investigates the collectors' characteristics. It features the bibliophilia as a form of collecting, specifically bibliographic collecting. It points out to the actions of the bibliophiles to create and keep collections. It searches to understand the universe of the bibliophilia and the love for the books. It exposes the relationship held between bibliophiles and their books. It addresses the context of the upkeep of particular collections which are out of information unities. It shows the importance of the book as a support of the information from its historic and cultural context. It debates the substitution or not of the printed book for new information technologies. It shows the beneficial participation of the bibliophiles in the preservation of the book as an object of the special treatment dedicated to the books by them.

KEY-WORDS: Book. Collecting. Collector. Bibliophilia. Bibliophile. Particular collection. Preservation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Lista de reis e de cidades antes do dilúvio – Babilônia 2000-1800 AC.	16
FIGURA 2 – Papiro de Ebers	17
FIGURA 3 – Manuscrito do Mar Morto	18
FIGURA 4 – Gutenberg e a prensa de tipos móveis	20
FIGURA 5 – Documento da Declaração da Independência dos Estados Unidos	22
FIGURA 6 – Folha de rosto do livro <i>Museum Wormianum</i> , catálogo do gabinete de curiosidades do médico e colecionador dinamarquês Olw Worm	27
FIGURA 7– The Collector	30
FIGURA 8 – Estudio para el bibliófilo	35
FIGURA 9 – <i>Ex-libris</i> de Philip Neville Barnett	38
FIGURA 10– Os Fantásticos Livros Voadores do Sr. Morris Lessmore	41
FIGURA 11 – O bibliófilo por Johann Hamza	45
FIGURA 12 – José Mindlin e seu acervo	48
FIGURA 13– Croqui de divulgação do prédio da Brasileira USP	49
FIGURA 14– Wilborada.....	51

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 LIVRO	15
2.1 PRIMEIROS SUPORTES.....	15
2.2 PAPEL.....	18
2.3 IMPRENSA.....	19
2.4 DIGITAL	22
3 COLECIONISMO	25
3.1 HISTÓRICO	25
3.2 CARACTERÍSTICAS DOS COLECIONADORES	28
3.3 COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO.....	31
3.3.1 Bibliofilia	32
3.3.2 Bibliófilos	33
4 BIBLIOFILIA E PRESERVAÇÃO DO SUPORTE LIVRO	40
4.1 A IMPORTÂNCIA DO LIVRO COMO SUPORTE DA INFORMAÇÃO	40
4.2 A CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOFILIA PARA A PRESERVAÇÃO DO LIVRO	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERENCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

Livros não são só aqueles feitos de papel e impressos a tinta, livros são, em suas variáveis formas, os portadores da informação escrita. Os símbolos e a escrita já foram gravados em barro, pergaminho, papiro, papel e, por fim, o meio digital, o que ressalta ainda mais a importância desse suporte denominado “livro”.

Contudo, com a evolução das tecnologias e o surgimento de novos dispositivos de compartilhamento de informações, a discussão sobre o fim do livro tornou-se um assunto de grande incidência entre autores da Ciência da Informação e na própria sociedade. Apesar desse contexto que as novas tecnologias propiciam, o livro continua sendo o principal suporte da informação e desempenha um papel de disseminador da cultura escrita há muito tempo.

Discutir a importância do livro como suporte fundamental para a escrita se faz necessário, pois ele representa e representou o meio através do qual a sociedade pode descobrir sobre sua história, desenvolver sua memória e cultura. Ao compartilhar seus valores com as pessoas que fazem seu uso, os livros transmitem ao longo dos tempos, informação que gera conhecimento.

O mesmo livro que transmite conhecimento também pode suscitar muito mais que uma leitura, para os bibliófilos, como são chamados os colecionadores de livros, o livro representa muito mais que um suporte da informação. Eles são apaixonados por todos os detalhes da extensão do livro: capa, encadernação, tipografia, ilustrações etc., aqueles que a maioria das pessoas não percebe.

Os bibliófilos, a partir da coleta e guarda de livros, formam coleções particulares que representam uma fonte rica de obras que muitas vezes não estão presentes em acervos acessíveis à sociedade em geral. A demonstração de zelo com os livros fica clara na forma com que os bibliófilos protegem seus acervos, a partir de uma afeição desmedida com a sua guarda.

A partir desse contexto, este estudo pretende discutir a questão de que, quando pessoas, que não estão ligadas a instituições disseminadoras de informação e cultura, veem e valorizam os livros que estão sob sua guarda como objeto e suporte de informação, direta ou indiretamente, elas estão promovendo uma ação de preservação ao suporte livro. A pesquisa pretende contribuir para uma área pouco explorada dentro da Biblioteconomia, que é o estudo da formação e manutenção de

coleções bibliográficas por particulares e em que o ato de colecionar livros contribui para a preservação desse suporte da informação.

Para atingir satisfatoriamente as indagações a que se propõe este trabalho, foi definido como objetivo geral: entender como as coleções particulares formadas por bibliófilos contribuem para a preservação do livro fora do contexto de uma unidade de informação. Entende-se unidade de informação como uma instituição ligada ao poder público ou particular com fins de disseminação de informações para a sociedade ou usuários específicos.

Para responder ao objetivo geral foram traçados os seguintes objetivos específicos: apresentar a bibliofilia como forma de colecionismo; demonstrar a importância do livro como suporte da informação e avaliar quais as contribuições da bibliofilia para a preservação do livro como suporte da informação.

A metodologia empregada neste estudo foi a pesquisa teórica exploratória, que é a desenvolvida a partir de fontes documentais. Para Gil (2010) esse tipo de pesquisa tem como principal qualidade desenvolver e ou esclarecer possíveis conceitos e ideias para formular problemas aplicáveis em estudos posteriores. A pesquisa foi pautada em uma revisão bibliográfica, onde os documentos consultados constituem as fontes de informação para a composição da teoria na busca do relacionamento de informações entre si. A vantagem desse tipo de pesquisa: “[...] está no fato de que os documentos constituem fonte rica e estável de dados” (DIEHL; TATIM, 2004, p. 58).

A abordagem do estudo é qualitativa, visando descrever uma determinada questão através da análise e interpretação subjetiva das informações coletadas nas fontes bibliográficas sem o uso de métodos estatísticos. Na pesquisa com abordagem qualitativa o pesquisador busca entender um processo social, visualizar um contexto e, caso seja possível, integrar-se ao processo que é objeto de estudo para melhor compreendê-lo (NEVES, 1996).

Com a efetivação do levantamento bibliográfico considerado satisfatório, passou-se então a etapa seguinte que foi a localização e obtenção dos materiais selecionados. Com as referências consideradas relevantes organizadas, as leituras e os apontamentos foram realizados os quais geraram as sínteses, análises e conclusões que compõe o texto.

Faz-se importante citar a monografia da bibliotecária Melissa do Prado Amaral, encontrada durante o período de pesquisa bibliográfica e utilizada como

uma das bases para a criação da teoria proposta, intitulada “Do prazer de ler a arte de colecionar obras raras: desvendando o percurso do leitor que se torna bibliófilo” e defendida no ano de 2010 na Universidade Federal do Estado do Rio Grande do Sul. Essa pesquisa foi uma fonte rica de dados sobre a bibliofilia e de entrevistas com bibliófilos, acabando por revelar a importância da continuidade da pesquisa sobre o tema.

A monografia foi dividida em quatro capítulos, além das considerações finais. O referencial teórico se divide em partes, a primeira versa sobre o livro, seu histórico, os meios os quais já lhe deram suporte e o seu contexto em geral. A parte subsequente, fala sobre o colecionismo, seu histórico, características dos colecionadores e especificamente sobre colecionismo bibliográfico que retrata a bibliofilia e os bibliófilos. O capítulo final apresenta duas divisões: a importância do livro como suporte da informação e a relação do colecionismo bibliográfico com a preservação do suporte livro a partir da ação de colecionar.

Pensar sobre as ações e consequências que se constroem a partir da adoração do livro como objeto e ver que este sempre esteve presente no desenvolvimento do intelecto humano é cativante. Os bibliófilos são inseridos, através de sua paixão por livros, em um mundo imaginado que pertence só a eles. Falar sobre essa relação mágica que se cria entre colecionador e livro é um prazer, pois a partir dos documentos consultados e das reflexões propostas, desenvolver novas descobertas neste trabalho foi tão exultante como ganhar um livro novo.

2 LIVRO

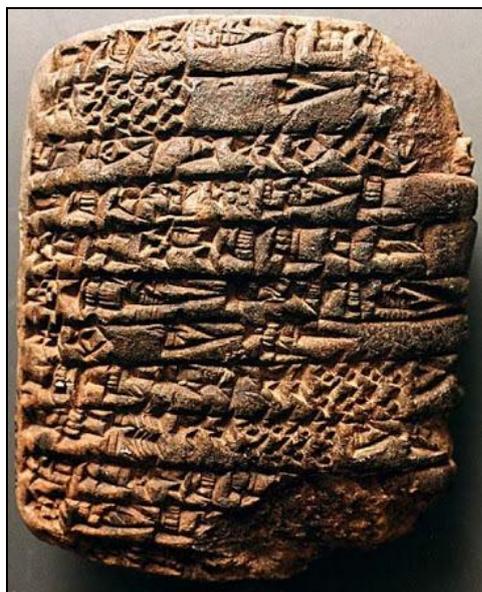
O livro possui uma trajetória histórica ligada a influências econômicas, políticas e religiosas que o conduziram até a sociedade atual. O que é considerado livro hoje, já passou por grandes evoluções e mutações em seu material até chegar ao formato contemporâneo. Foi base de sinais, imagens e escritas, chegando aos suportes atuais - papel, digital - a partir da evolução do que foi lido sendo gravado e da necessidade de transmissão de informações entre as pessoas.

A história do livro, segundo Robert Darnton (2010, p. 219): “[...] deve ser internacional em escala e interdisciplinar em método [...] os livros não apenas relatam a história; eles fazem a história.” É difícil quantificar e explicar o histórico do livro visto sua total integração em todas as áreas do conhecimento; ele, como objeto de estudo, não pode ser considerado como membro estático da história, pois cruzou todas as fronteiras através do que seu personagem representa no sentido de portador e disseminador da informação.

2.1 PRIMEIROS SUPORTES

O desenvolvimento da escrita foi um dos responsáveis pela evolução do intelecto humano, a partir de suas mudanças e evoluções, a escrita ditou as regras do desenvolvimento de seus suportes. O barro, em forma de lajotas, foi o primeiro suporte usado para escrita e passou a ser utilizado a partir do IV milênio antes de Cristo. As lajotas eram usadas para o comércio, para fixar as leis e mandamentos religiosos, assim como na educação. Na FIGURA 1 pode ser visualizada uma lajota de argila:

**FIGURA 1 – Lista de reis e de cidades antes do dilúvio –
Babilônia 2000-1800 AC**



Fonte: http://unirio.oficinamiriade.com/hlb1-arqs/HLB-1_05_suportes-da-escrita_2012-1.pdf

No Egito, às margens do Rio Nilo eram o solo onde crescia o papiro, o que sugere que os egípcios tenham sido os primeiros a usar esse elemento vegetal como suporte para escrita. O papiro é uma planta que precisa passar por um processo de elaboração e preparação até chegar ao ponto de ficar pronta para receber a escrita. Naquela época, o processo se iniciava com corte do caule, seguido pela retirada do miolo que era cortado em tiras. Essas tiras eram cruzadas umas sobre as outras, umedecidas e batidas com um macete de madeira, sendo submetidas a um tratamento com óleo de cedro e depois secas ao sol. Para finalizar eram polidas com pedra-pome (CAMPOS, 1994a).

No papiro o texto era escrito em colunas e cada uma delas era colada pela extremidade à folha seguinte, de forma que se obtinham rolos. Wilson Martins (1998) comenta que o Museu do Louvre possui um papiro que data de 273 a.C. escrito em hieróglifos, a escrita egípcia, e calcula que os mais velhos papiros datem de 3.500 anos. A biblioteca Nacional de Paris possui o Papiro de Prisse, com textos de caráter religioso e ético do velho Egito, que tem idade aproximada de quatro mil anos.

Um dos mais antigos e importantes papiros conservados até os dias atuais é o Papiro de Ebers, trata-se de um papiro médico egípcio que data de cerca de 1550 a.C. e encontra-se na biblioteca da Universidade de Leipzig, na Alemanha (FIGURA 2).

FIGURA 2 – Papiro de Ebers



Fonte: http://deficienciavisual14.com.sapo.pt/r-Papiro_Ebers.htm

No século III a.C., na cidade grega de Pérgamo, o couro começou a ser utilizado como suporte da escrita. A pele de animais servia como base para esse material que ficou conhecido como pergaminho devido ao nome da cidade. Diante de eventuais dificuldades em obter novos pergaminhos para a escrita, estes podiam ser raspados de modo que a superfície ficasse totalmente limpa novamente e pudesse receber um novo texto, reaproveitando o pergaminho, chamado então de *palimpsesto*. Assim, como suporte para a escrita, o pergaminho apresentou vantagens sobre o papiro. Antônio Houaiss (1967, p. 47) arrolou algumas dessas vantagens:

Inumectável, ou quase, resistente ao fogo, mais fino e mais durável do que o papiro, moldava-se à dobragem e a enrolagem, permitia a escrita em duas faces e, lavado ou lixado podia servir diversas vezes – o que originou ante a perspicácia posterior dos homens, o palimpsesto. Permitia substituir pela pena de pássaro o tufo de pincel ou as pontas do *cálamo*, comportando um aproveitamento espacial muito maior, pois o tamanho dos caracteres pode ser consideravelmente reduzido.

O papiro para ser lido podia ser sustentado com as mãos, já o códice de pergaminho era mais pesado e exigia uma mesa como apoio para a leitura. O pergaminho possibilitou também o uso de ilustrações e iluminuras para decorar os textos e também de encadernações. Como afirma Roger Chartier (2002, p. 30), quanto a leitura, o formato códice apresentaria claras vantagens sobre o rolo, que exigia:

[...] uma leitura contínua, que mobilizava o corpo inteiro, que não permitia ao leitor escrever enquanto lia, ao passo que o códice, manuscrito ou impresso, permitiu gestos inéditos (folhear o livro, citar trechos com precisão, estabelecer índices) e favoreceu uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua materialidade.

Uma hipótese para o pergaminho prevalecer sobre o papiro, como suporte de escrita, foi a sua utilização pela cultura cristã que se desenvolvia na época, já que a literatura pagã continuou fiel ao rolo de papiro. Segundo o historiador Escolar Sobrino (1977), a queima da Biblioteca da Alexandria pode ser considerada o fim do *volumen* e o triunfo do códice. O pergaminho mais famoso e conhecido atualmente são os pergaminhos manuscritos do Mar Morto que foram encontrados na década de 40 e 50 em cavernas de Qumran, Israel. Eles possuem mais de 2.000 anos e são escritos em hebraico (FIGURA 3).

FIGURA 3 – Manuscrito do Mar Morto



Fonte: <http://biogilmendes.blogspot.com.br/2011/09/manuscritos-do-mar-morto-podem-ser.html>

2.2 PAPEL

Na China, surgiu o que é o principal suporte da informação até hoje, o papel. Seu invento é atribuído a *Tsai-Lun*, que era diretor das oficinas imperiais, mas sua participação na história ficou registrada por utilizar outras opções de materiais, além da seda, para a fabricação do papel, como cascas de plantas, resíduos de algodão e

redes de pesca usadas, o que resultou no papel de celulose, segundo conta Martins (1998).

Durante seiscentos anos, os chineses mantiveram o monopólio da fabricação do papel. Da China, o papel chegou a Ásia e ao Japão no século VI. Os árabes foram os responsáveis pela introdução do papel na Europa, no século XII, o que teria acontecido na Espanha, com a implantação de uma fábrica no ano de 1144.

Conforme Arnaldo Campos (1994b), no leste espanhol, o papel começou a ser produzido por *Abu Masafays*, um mouro, que passou a ser conhecido pelo nome catalão de *paper*, que resultaria no francês e no alemão *papier*, no português papel, no russo *papka* e no inglês *paper*. No século XIII, era chamado de “pergaminho de trapo”, e enfrentava a resistência dos governantes para com sua utilização em documentos oficiais, sendo utilizado só em outros tipos de documentos. Para Martins (1998, p. 115):

[...] a introdução e a vulgarização do papel na Europa decidiu dos destinos da nossa civilização porque ele vinha responder às necessidades que todos sentiam de um material barato, praticamente inesgotável, capaz de substituir com infinitas vantagens o precioso pergaminho. A “democratização” da cultura é, antes de mais nada, o resultado dessa substituição [...].

O papel facilitou a proliferação de textos e do ensino nas Universidades da Europa. Sendo mais barato nesse suporte, os livros podiam ser copiados pelos próprios estudantes ou por profissionais, o que gerou o comércio livreiro. O ensino e o livro não eram mais só propriedade monástica e atingiu parcelas da sociedade que antes não tinham acesso a cultura escrita.

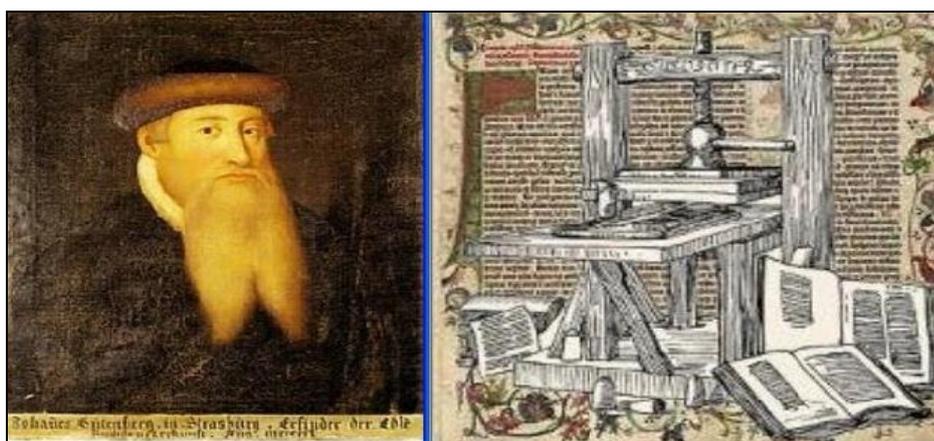
2.3 IMPRENSA

Por volta de 1400, na Mongúcia, nascia quem transformou a arte de fazer livros: Johannes Gutenberg, homem cujo ao qual é atribuída a invenção da imprensa. Entretanto é preciso ressaltar que antes dele, como relata Martins (1998), na China já eram praticadas técnicas tipográficas desde o século II, e na Europa, desde a segunda metade do século XIII.

O método era o mesmo para as duas culturas, porém não se sabe como a técnica chegou à Europa, como afirma Campos (1994a). A arte consistia em usar uma prancha de madeira como matriz, com o texto ou figura gravado nesta, possibilitando a reprodução quase ilimitada da imagem no suporte desejado com a utilização de tintas.

Na verdade, Gutenberg não inventou a imprensa e sim aperfeiçoou uma técnica de impressão a qual transformou o modo de imprimir livros naquela época. O que ele criou foi a prensa de tipos móveis, que possibilitava a impressão de várias páginas em um tempo muito menor, ao contrário das técnicas utilizadas anteriormente (FIGURA 4).

FIGURA 4 – Gutenberg e a prensa de tipos móveis



Fonte: <http://videoreporter.blogspot.com.br/2011/10/steve-jobs-e-o-gutenberg-da-revolucao.html>

A invenção de Gutemberg transformou o modo de impressão da época. O livro, que antes levava muito tempo para ser confeccionado manualmente, passou a ser impresso em grande tiragem, o que veio a suprir a necessidade de livros que crescia no final da Idade Média. Então, a partir do século XV, toma forma o livro impresso que, em sua forma geral, era uma imitação dos manuscritos, porém editado com as técnicas dos tipos móveis. Chartier (1994, p. 186) expõe que:

Pelo menos até mais ou menos 1530, o livro impresso continua muito dependente do manuscrito: imita-lhe as paginações, escritas, aparências; acima de tudo, exige-se que o acabamento do livro seja obra da mão do iluminador que pinta letras iniciais adornadas ou historiadadas e miniaturas; a mão do corretor, ou emendador, que

acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor, que inscreve na página notas e indicações marginais.

Os livros que foram publicados até 1500 são chamados incunábulos, do latim *in cuna*, no berço, referindo-se ao berço da tipografia. O mais conhecido e um dos primeiros incunábulos é a Bíblia de Gutenberg, livro que, segundo Campos (1994b), inaugura oficialmente a imprensa no Ocidente.

O modo de fabricação do papel não sofreria modificações por 600 anos. Seu aspecto espesso e escuro só mudou em meados do século XVIII, quando John Baskerville, ex-mestre de escrita e tipógrafo inglês, conseguiu obter por meio da utilização de uma fina rede de arame um papel sem sulcos, acetinado, que foi batizado de *papier vélin* porque lembrava um tipo especial de pergaminho que levava o mesmo nome.

No final do século XVIII, surge a *Fourdrinier*, uma poderosa máquina de produção que seria a responsável pela fabricação em grande escala do papel, esse invento amenizou a enorme demanda que se acentuava desde o século XVIII e que se acentuaria mais ainda até o século XIX. Essa crescente demanda de papel fez com que houvesse a escassez da matéria-prima, os trapos, assim a busca por um sucessor se fazia urgente. Em 1844, um encadernador chamado Gotlieb Keller, fabricou o primeiro papel de pasta mecânica, usando a madeira como matéria prima.

A invenção do papel e da imprensa causou uma explosão pela procura do livro impresso, a conseqüente proliferação dos textos e a queda dos preços das obras. A classe mais baixa passou a ter acesso aos livros, que deixaram de ser patrimônio daqueles que possuíam dinheiro e o monopólio de técnicas manuais de tipografia.

O livro apresenta três importantes marcos em sua história que o levaram a seu formato atual: a Idade Antiga, com o códice; a Idade Média, com o papel; e a Idade Moderna, com a imprensa. Complementando essa linha do tempo, chega-se a Idade Contemporânea, também conhecida como Sociedade da Informação onde se apresenta um novo suporte para o livro: o meio digital.

2.4 DIGITAL

O livro digital ou eletrônico é denominado *e-book*, consistindo em um tipo de mídia que comporta as mesmas informações presentes em um livro impresso, porém disponibilizado em formato digital, podendo ser comprado, recebido através de *download* ou *e-mail*. Christine Benicio (2003, p.46) concebe livro eletrônico como:

[...] um recurso informacional que usa tecnologia moderna para registrar e permitir o acesso e o uso da informação. [...] aquele que preserva a estrutura lógica e física do livro, fornecendo um texto completo e propiciando a sua consulta, havendo a possibilidade de conversão da versão eletrônica em papel e vice-versa.

Seu desenvolvimento começou em 1971 quando Michael S. Hart digitalizou o documento da Declaração da Independência dos Estados Unidos, que se tornou o primeiro livro em formato digital (FIGURA 5) e lançou o Projeto Gutenberg, que é uma iniciativa que digitaliza e distribui gratuitamente livros.

FIGURA 5 – Documento da Declaração da Independência dos Estados Unidos



Fonte: <http://www.gutenberg.org/ebooks/16780>

Em 1993, Zahur Klemath Zapata registra o primeiro programa de livros digitais e publica o primeiro livro em versão digital: *Do assassinato como uma das belas artes*, de Thomas de Quincey.¹ Em 1998 são lançados os primeiros leitores de livros eletrônicos, o *Rocket Ebook* e *Softbook*. Nos anos 2000, o autor Stephen King lançou seu romance: *Montado na bala*² em um arquivo digital que só podia ser lido no computador. Nas primeiras 24 horas, o *download* de 400 mil cópias é realizado (PEQUENA história..., [2011]).

Em relação a sua estrutura de leitura, o *e-book* apresenta-se em dois tipos de funcionalidades: podendo ser lido através de um *reader*, *software* ou aplicativo desenvolvido para leitura de livros nas telas de computadores, em computadores portáteis, celulares etc., ou podendo ser lido em equipamentos desenvolvidos especialmente para sua visualização, conhecidos como *Reading Devices* ou *eBooks Devices* (BENICIO, 2003).

Esses aparelhos portáteis prometem uma nova revolução no livro, pois os responsáveis por seu *design* procuram oferecer fácil portabilidade e grande capacidade de armazenamento. Essa nova tecnologia têm sido alvos de pesados investimentos na procura do aperfeiçoamento de funções que superem o suporte papel. Gisele Dziekaniak (2010, p. 84) descreve essa procura por:

[...] satisfazer o leitor em detalhes como simulação de folhear página, ajustes de luminosidade - dependendo do ambiente, possibilidade de zoom (aproximação ou afastamento do objeto), mudança da tela de cristal líquido para papel digital e outros atrativos tecnológicos, os quais são provas do esforço em atrair os consumidores, educados culturalmente no livro impresso, para o modelo digital.

Os aparelhos eletrônicos desenvolvidos para a leitura de *e-books* mais conhecidos são o *Kindle*, da Amazon que foi lançado em 2007, o PRS-505, da Sony, e o *Ipad*, da Apple lançado em 2010. Em 2010, a *Google eBookstore* foi aberta com 3 milhões de títulos disponíveis à venda (PEQUENA história..., [2011]). O livro eletrônico é uma evolução nas formas de armazenamento, processamento e recuperação de informações que promete um novo relacionamento entre indivíduo e

¹ DE QUINCEY, Thomas. **On murder considered as one of the Fine Arts**. 1993. Disponível em: <<http://www.readbookonline.net/readOnLine/20972/>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

² KING, Stephen. **Riding Bullet**. 2000. Disponível em: <http://acroeng.adobe.com/test_files/special%20characters/stephen-king-bullet.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2012.

leitura, pois abre um novo leque de funcionalidades que pode tornar mais interativo o ato da leitura nesses aparelhos para a sociedade atual.

3 COLECIONISMO

Objetos foram criados inicialmente para responder a necessidade do homem de agir e realizar tarefas na natureza e na sociedade. No momento que um indivíduo agrega valores a um objeto e não o utiliza mais em sua função primária, tornando-o parte de uma coleção, a prática do colecionismo tem início. Uma coleção pode ser definida como o conjunto de objetos mantidos fora do contexto normal de atividades e sujeitos a uma proteção especial.

Construir uma coleção revela uma relação específica, onde o sujeito-colecionador busca através de uma paixão por coletar e guardar objetos específicos ou não, satisfazer um impulso. Um desejo de reconstruir e preservar sua história através de uma lógica de organização individual que é permeada pelo sentimento de posse. Dessa forma, a coleção é, pois, um retrato da personalidade do colecionador, no sentido que os objetos da coleção permitem ao seu dono reforçar a própria identidade.

3.1 HISTÓRICO

De acordo com K. Pomian (1984), o colecionismo se contextualiza em dois momentos, primeiro com a coleta de objetos funerários e o segundo com a coleta e guarda das oferendas nos templos da Grécia e de Roma. Na Antiguidade, a formação de coleções estava ligada a homens de posses, reis e imperadores. Philipp Blom (2003, p. 32) destaca que: “[...] até o século XVI colecionar fora privilégio de príncipes, cujos interesses se concentravam em objetos ao mesmo tempo, belos e preciosos, que aumentavam sua fortuna e poder”.

O estudo do fenômeno do colecionismo aponta para vários tipos de coleções, que podem ser divididas em categorias do tipo: “reserva-prestígio social, valor mágico (objetos ofertados para pedir ou oferecer graças de deuses e de santos, para proteger-se do sobrenatural), de lealdade de grupo (necessidade de firmar raízes e origens culturais) de curiosidade e de pesquisa” (SUANO, 1986, p. 10).

Na Idade Média, o colecionismo particular/individual se restringiu devido a influência do cristianismo, que pregava o desapego a bens supérfluos, passando a Igreja a ser a detentora de grandes coleções que ficavam resguardadas em

catedrais e mosteiros compostas por grandes quantidades de relíquias de santos e aparatos litúrgicos. A Igreja aumentava assim sua fortuna, recebendo grandes doações, e com isso usando seus tesouros para consolidar seus objetivos de dominação (SUANO, 1986).

A partir da Idade Moderna, a atividade de colecionar recoloca-se em outros contextos epistemológicos com as viagens de exploração ao Novo Mundo. Essas viagens proporcionavam uma grande fonte de objetos que eram incorporados ao acervo individual dos viajantes ou presenteados a outros colecionadores. A curiosidade era ligada ao estranho e tudo que era desconhecido ou exótico era coletado e guardado em salões denominados Gabinetes de Curiosidades.

As coleções mantidas nos salões de curiosidades eram formadas por dois tipos de itens: peças retiradas da natureza e artefatos produzidos pelo próprio homem. Os acervos presentes nos gabinetes eram formados por objetos e criaturas sem ordem definida pelo seu proprietário, para ele o objetivo maior era ter um número grande e diversos objetos.

A partir desse tipo de acervo pode-se aumentar o leque de conhecimentos sobre História Natural, para Rosa Pereira (2006, p. 408): “A partir do acúmulo desses ‘achados e guardados’ nessas coleções de objetos curiosos, a compreensão do mundo realmente mudou e a História Natural pôde desenvolver-se como ciência moderna”. Os itens vindos dos lugares desconhecidos representavam novas descobertas e avanços para a ciência que pôde a partir disso criar teorias e comprovar fatos.

Um dos Gabinetes de Curiosidades mais famoso em sua época foi do colecionador dinamarquês *Ole Worm*, que foi o primeiro a publicar um catálogo onde estavam organizadas cerca de 1.500 peças de sua coleção (FIGURA 6).

FIGURA 6 – Folha de rosto do livro *Museum Wormianum*, catálogo do gabinete de curiosidades do médico e colecionador dinamarquês Olw Worm



Fonte: anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/.../ANPUH.S25.0656.pdf

No século XVII as coleções universais passam a sofrer uma mudança de natureza, o desenvolvimento do Iluminismo e o surgimento de academias conduziram a formas mais metódicas e especializadas de colecionar. Aliada a isso, ganha importância a preocupação com a conservação dos objetos, pois devido a desastres naturais e má acomodação muitos itens se perdiam. Segundo Blom (2003, p. 143):

As coleções deixaram de ser instrumentos de exploração para serem instrumentos de conservação, exploratórios apenas na medida em que continham espécimes para definir animais ou plantas. Do lugar que ocupavam na vanguarda intelectual, [...] as grandes coleções [...] se tornaram, pelo menos como tendência, profundamente conservadoras; instituições dedicadas à classificação e a representação [...].

Os colecionadores passaram a ter a preocupação com que é coletado e se o objeto se encaixava no contexto da coleção, uma vez que estando eles classificados por tipo, a coleta desorganizada não era mais viável. Cada colecionador recolhia o que pertencia a seu nicho de interesse e estudo.

As coleções exclusivamente privadas, pertencente a particulares ou universidades só vão deixar de ter essa concepção graças a mudança no contexto da relação esfera pública privada e ao aparecimento do Estado Moderno. As coleções são gradativamente abertas ao público em museus e galerias na tentativa de o Estado colocar-se para o povo como o guardião de sua herança cultural.

O colecionismo no Brasil surgiu a partir do século XIX quando viagens de pesquisas coordenadas por naturalistas estrangeiros contribuíram para a formação de coleções. O caráter científico dessas expedições estava, acima de tudo, em coletar objetos para compor e ou completar coleções, especialmente as museológicas, compostas por espécimes naturais e de cultura material (VIAL, 2009).

Na sociedade capitalista surge o colecionismo consumista, com a produção comercial de coleções e seu espaço agora são casas e apartamentos de pessoas comuns. Colecionar é considerado como um divertimento, um *hobby* ou uma atividade de lazer. Existe também a evolução do colecionismo para o consumismo compulsivo, onde as pessoas exageram no “coleccionar” e acabam virando simples acumuladores de coisas.

3.2 CARACTERÍSTICAS DOS COLECIONADORES

A ação de colecionar parte de interesses individuais onde uma pessoa acumula objetos que representam um tema de seu interesse. A partir desses intuitos o colecionador forma uma coleção particular com determinados objetos que representa seu modo de ver e agir na sociedade. Carlos Silva (2010), ao tentar compreender como se constitui uma coleção, traça uma série de características aos colecionadores como:

- a) a necessidade de um ideal temático (que determina a identidade da coleção e de seus objetos);
- b) a presença do sentimento de posse, de paixão e prazer pela busca e conquista dos objetos;
- c) a busca por uma organização da coleção a partir da classificação e manipulação dos itens colecionados;
- d) a satisfação de possíveis desejos que podem ser realizados por meio da coleção;

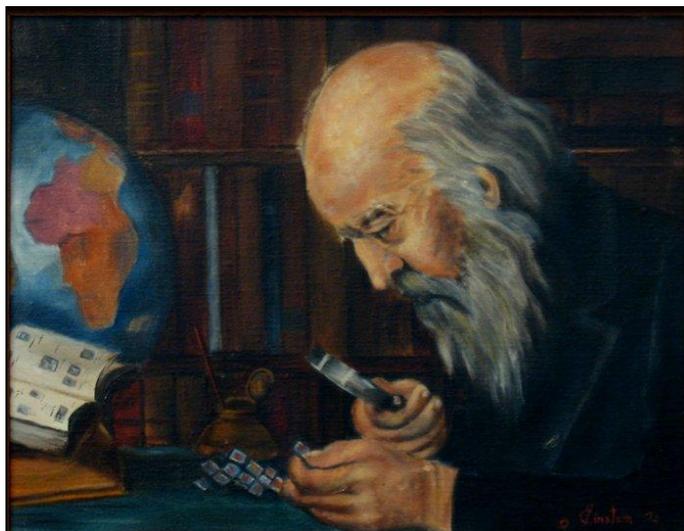
- e) a presença constante de um sentimento de “busca” (ou “caça”);
- f) e a afetação da cultura na valorização e julgamento dos objetos como colecionáveis (e de valor).

O colecionador é apaixonado pelos objetos de sua coleção, fazendo dela parte inseparável de sua vida. A coleção representa uma reconstrução do passado, real ou imaginado, a preservação de itens para futuro e até mesmo um reforço da própria identidade, no sentido de que os objetos estando ao alcance dos olhos preenchem anseios do colecionador. Marlene Suano (1986 p. 12) reforça essa afirmação ao colocar que:

Estudiosos do colecionismo creem que recolher aqui e ali objetos e coisas seja como recolher pedaços de um mundo que se quer compreender e do qual se quer fazer parte ou então dominar. Por isso e que a coleção retrata, ao mesmo tempo, a realidade e a história de uma parte do mundo, onde foi formada, e, também a daquele homem ou sociedade que a coletou e transformou em coleção.

O “eu” do indivíduo é representado em sua coleção a partir de cada objeto que a compõe, seja um diferente do outro ou não. A coleção é vista como um espelho da personalidade do colecionador e reflete seus desejos íntimos de colecionar, seja a busca de conhecimento, prestígio, ou simplesmente no resgate e manutenção de histórias que fizeram parte de sua infância. Na FIGURA 7 um quadro de Joseph B. Kahill, onde a paixão de um colecionador de selos pode ser observada:

FIGURA 7– The Collector



Fonte: <http://kerrisdalegallery.com/print/kahill-the-collector/>

O processo de adquirir e possuir objetos através de um processo de busca é cativado por uma paixão. O item incorporado à coleção passa a representar dois valores de uso específicos e únicos: “[...] a ocupação do espaço e exposição e a permanência” (SILVA, 2010, p. 17). A peça ao fazer parte do conjunto representa os valores agregados a ela pelo colecionador e a partir disso se desfaz de sua condição original e passa a representar o papel de objeto colecionável.

Depois de serem incorporados a coleção, os objetos não são mais utilizados em sua função original, eles são vistos como partes de um conjunto de itens que apresentam os mesmo valores estando organizados na lógica particular do colecionador. A nova função agregada pelo colecionador é o que justifica a reunião dos objetos, a partir do momento em que estes estão submetidos a uma organização específica, eles ficam protegidos para que sua permanência fique garantida.

Um sentimento de eterna busca domina os colecionadores, assim, um colecionador tem prazer em incorporar um novo item à coleção “[...] porque a ausência do item é uma pulsão a ser resolvida” (SILVA, 2010, p. 39). Novos itens vão significar a renovação dos valores agregados à coleção, pois uma coleção completa não interessa a um colecionador já que o sentimento de incompletude é o que o move.

Em uma coleção particular, a relação constituída entre o indivíduo e seus objetos de adoração têm significados próprios e individuais, estes representam para seu dono uma significação de si mesmo e sua trajetória de vida. Para Benjamin (1995, p. 228):

O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação – a excitação da compra. Tudo que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. A época, a religião, a arte, o dono anterior – para o verdadeiro colecionador todos estes detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto. Basta observar um colecionador manuseando os objetos em seu mostruário de vidro. Mal o segura em suas mãos, parece inspirado a olhar através deles para os seus passados remotos.

A coleção nesse contexto tem a função de dar o sentimento de permanência para o colecionador, a partir da organização particular, o colecionador sente que seus bens estão protegidos. A função de cada objeto é estar ao alcance dos olhos e do coração quando o colecionador precisar deles para lembrar-se de algo.

Segundo Eduardo Murguia (2007, p. 3) “A história das coleções demonstra a preocupação dos colecionadores em recolher e guardar determinados objetos que contribuíram para a preservação do registro do conhecimento”. Sendo assim, a figura dos colecionadores de itens bibliográficos: manuscritos, incunábulo, livros, mapas, etc. pode ser citada como uma referência na preservação do conhecimento criado e registrado ao longo dos tempos.

3.3 COLECIONISMO BIBLIOGRÁFICO

Dentre as formas de colecionismo, o bibliográfico pode ser considerado o que apresenta a relação mais íntima entre colecionador e objeto. Tanto que possui até um nome específico: bibliofilia. Seus praticantes, são denominados bibliófilos. O livro em todas suas manifestações físicas (manuscritos, pergaminhos, incunábulo, em papel) representam para seus admiradores muito mais que itens portadores da escrita, são objetos de desejo e adoração que segundo a perspectiva do bibliófilo devem ficar guardado em um lugar especial.

3.3.1 Bibliofilia

Segundo a etimologia da palavra que vem do grego, Bibliofilia, *biblion*, significa “livro” e “*philia*” significa “amigo”. O que significa que o termo representa a prática da amizade, amor pelos livros. Esse tipo de colecionismo, segundo Rosa Zamora (2007, p. 57) é tão antigo quanto o próprio livro:

La historia del libro y de las bibliotecas nos cuenta que la bibliofilia ha existido siempre, desde que el “libro” aparece en cualquiera de las presentaciones que há tenido a lo largo de su existência, pero tal y como hoy se entiende la bibliofilia nace en el siglo XVIII, cuando surge um interés especial por ciertos libros que empiezan a designarse como “raros y curiosos”.

A bibliofilia teve sua primeira menção na literatura em 1344, por meio do monge beneditino inglês Richard de Bury, em uma obra que ficou mundialmente conhecida como *Philobiblion*, traduzida e lançada em português em 2004. Essa obra apresenta um verdadeiro tratado com indicações específicas de amor e cuidado para se ter com os livros. Na visão de Richard de Bury (2004, p. 9), “Os livros são os maiores presentes de Deus à humanidade, sem eles o conhecimento estaria fadado ao esquecimento”. Ele também aconselha que: “Os livros devem ser amados acima de todas as riquezas e de todos os prazeres, qualquer que sejam” (BURY, 2004, p. 34).

O intelectual e filósofo italiano, Francesco di Petrarco, conhecido como Petrarca, contemporâneo de Richard de Bury, ficou também conhecido pela paixão por livros. Ele ficou conhecido como o “Pai do Humanismo” e também como “pai da bibliofilia moderna”. Era um “bibliófilo apaixonado [...] comprava ou copiava tudo que lhe caia ao alcance das mãos” (FRIEIRO, 1941, p. 81).

A Idade Média foi o período mais difícil para as coleções, como citado anteriormente, pois o Cristianismo, no intuito de dominar a educação, tentou acabar com as bibliotecas pagãs e particulares. Os poucos exemplares de livros ficavam escondidos em mosteiros e a bibliofilia só foi reaparecer na Renascença com a difusão do papel e a posterior criação da imprensa.

Assim, a paixão dos bibliófilos ganhou mais fôlego. Aldus Manutius, famoso tipógrafo italiano, foi o responsável pela introdução de importantes modificações na arte da impressão, iniciando a moda das encadernações de luxo, que passaram a

ser também uma das grandes paixões, se não a maior, das preferências dos bibliófilos (FRIEIRO, 1957).

Na Europa a paixão e a procura por livros antigos gerou a criação da Fundação de Bibliófilos Ingleses – “*Roxburghe Club*”³, a primeira agremiação de bibliófilos, unidos pela paixão por livros antigos e raros. Além disso, surgiram publicações, revistas, anuários, das mais diversas sobre a bibliofilia. Em Nova Iorque, existe um dos principais grupos de bibliófilos e estudiosos do livro reunidos no *Grolier Club*⁴ que foi fundado em 1884 e está em atividade até hoje (REIFSCHNEIDER, 2011).

A presença da bibliofilia no Brasil pode ser considerada como tardia, pois só a partir de 1808, com a chegada da Família Real, houve a presença de um bibliófilo em solo brasileiro, o Conde da Barca, ministro de Dom João VI e também responsável pela vinda da missão artística ao Brasil. No país, segundo Aníbal Bragança et al. (2005), a bibliofilia foi associada ao fato de os livros escritos por viajantes estrangeiros que desbravaram o interior do país terem despertado o interesse de bibliófilos, sendo que essa safra de livros recebeu o nome especial de brasileira.

3.3.2 Bibliófilos

Na bibliofilia, o amor é dedicado aos livros e à prática de colecioná-los. O colecionismo de livros vai além da importância da informação contida neste. Além do texto gravado e de sua função informacional, “[...] existem no livro características determinadas pelo suporte, pelos valores a ele atribuídos que acionam certos dispositivos subjetivos e pessoais que levam sua posse e coleção” (MURGUIA, 2007, p. 101).

Os valores que os bibliófilos depositam sobre alguns exemplares de livros os caracterizam como objeto passível de fazer parte de uma coleção única e especial formada a partir de um pensamento individual. O bibliófilo José Mindlin (1997, p. 15), na obra “Uma vida entre os livros”, escreveu que: “O livro exerce uma atração

³ **The Roxburghe Club.** Disponível em: <<http://www.roxburgheclub.org.uk/>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

⁴ **The Grolier Club.** Disponível em: <<http://www.grolierclub.org/>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

multiforme, que vai muito mais além da leitura, embora esta seja um ponto de partida fundamental”.

Cada bibliófilo possui uma lógica pessoal que guia a formação de sua coleção, na maioria das vezes concentra suas buscas em uma área temática específica. Por conseguinte acabam se transformando em especialistas no assunto escolhidos para colecionar, a construção de seu acervo pessoal procura transparecer todo seu conhecimento e esforços despendidos.

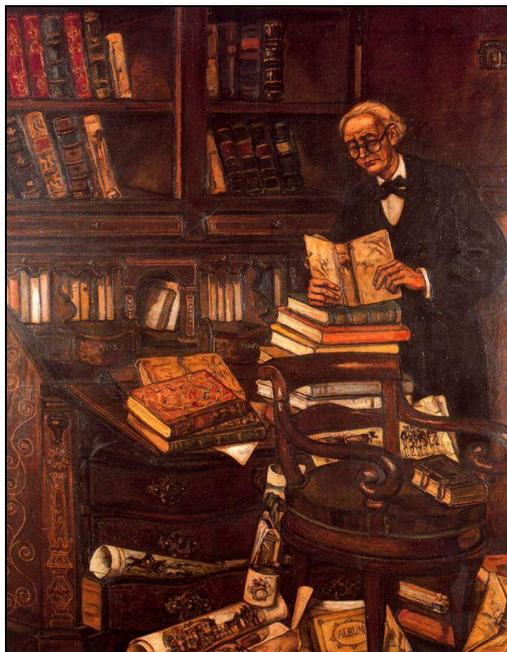
Reifschneider (2011) diz que colecionadores de livros não costumam se autodenominar bibliófilos, ou assim se apresentar. As coleções particulares raramente iniciam de propósito, elas evoluem de tempos em tempos até que o indivíduo se descubra como um colecionador. O bibliófilo Ruben Borba de Moraes, em sua obra “O bibliófilo aprendiz” fala sobre a bibliofilia:

Colecionar não é juntar livros. O que é difícil, o que torna a bibliofilia um divertimento, um hobby apaixonante, é justamente a procura do que lhe falta. É o prazer de encontrar o exemplar desejado. Pouco importa o preço que se pagou por esse prazer (MORAES, 1998, p. 276).

O sentimento de posse pode ser considerado a relação mais íntima que o colecionador tem com seus livros. Cristina Antunes (2012, informação verbal)⁵, que é responsável pela gestão do acervo de Mindlin, revela que um livro cobiçado, um título da obra anunciado no catálogo de um livreiro ou o mesmo visto na biblioteca de outro colecionador desencadeia e justifica o custo da posse exclusiva do objeto. “A identificação com o objeto pode ser tão intensa que ele se torna uma extensão da vida real e imaginária do colecionador.”

Os bibliófilos não veem o valor do exemplar desejado como um empecilho, se ele for desejado, o custo vale a pena. O colecionador acaba comprando muito mais que pode ler, a paixão dos bibliófilos é desmedida no momento que eles não veem mais o livro pelo seu valor informacional e sim pelos valores de objeto colecionável, o que acarreta na grande quantidade e qualidade de livros que os colecionadores possuem e desejam possuir. José Gutiérrez Solana, retrata em um dos seus quadros essa ânsia do bibliófilo (FIGURA 8).

⁵ Informações fornecidas por Cristina Antunes no Seminário Mindlin 2012, em São Paulo, em julho de 2012.

FIGURA 8 – Estudio para el bibliófilo

Fonte:

<http://es.wahooart.com/A55A04/w.nsf/Opra/BRUE-8BWT KU>

Ao caracterizar a bibliofilia como um quadro obsessivo-compulsivo, Oto Reifschneider (2011, p. 77) coloca que o fetichismo também aparece no momento em que o bibliófilo atribui valores ao livro como objeto.

[...] a atração exercida pelo objeto, a carga simbólica a ele atribuída, é uma característica que vai se desenvolver e se aprofundar com a contínua exposição do bibliófilo ao livro. Esse fetiche se manifesta no extremado cuidado com o objeto, no prazer gerado pela posse, pelo manuseio. A atenção a características físicas, aspectos a princípio secundários, desimportantes, passa ser o ponto fulcral na adoração do exemplar.

A procura por obras específicas é o que mantém aceso o desejo dos colecionadores, cada livro é representativo de uma forma para a coleção, e são esses valores que cada obra carrega que vai formar o conjunto do acervo. O que chama a atenção dos colecionadores são as características peculiares que formam o conjunto da edição do livro como objeto, Eduardo Frieiro (1941, p. 71) coloca que os bibliófilos:

[...] amam o livro em razão do seu valor intrínseco, medular. O bibliófilo procura em um livro de seu interesse particular, mais que a literatura, ele espera encontrar as raridades, os detalhes, algo que diferencie este dos demais livros, e para isso muitas vezes quando possível, não se importa com o valor monetário a ser gasto, apenas pensa em conquistar aquele objeto do qual tem tanta paixão.

A paixão do colecionador é tão intensa que os bibliófilos são mal vistos por não gostarem de emprestar seus livros, pois para eles são grandes os riscos que correm praticando esse ato, explica Freiro (1957). Quem toma de empréstimo pode demorar a devolver, estragar, demorar e estragar ou simplesmente não devolver. Mas os bibliófilos não gostam de emprestar, assim como não gostam de tomar emprestado:

Ademais, a leitura que sabe melhor é a do livro que nos pertence. E uma obra lida é alguma coisa que se acrescentou ao nosso espírito, que se incorporou a nossa experiência, a nossa realidade interior e, portanto, ao nosso ser. Como havemos então de separar-nos dela? (FRIEIRO, 1957, p. 109).

Emprestar significa separar-se do seu objeto de adoração por um tempo o qual pode se transformar em definitivo, e a separação é algo que o bibliófilo não suportaria. A fonte de desejo por mais exemplares é inesgotável e os melhores amigos dos bibliófilos, os livreiros, são os responsáveis por suprir a maior parte da necessidade dos colecionadores. Os sebos colocam frente a frente os bibliófilos e seus amores. Ruben Moraes (1998, p. 30) expõe que:

Existe entre livreiro e colecionador um denominador comum: o amor aos livros. Ambos acabam amigos, embora um viva à custa do outro. Um bom livreiro é o melhor guia que pode ter um colecionador. A recíproca é verdadeira.

Essa relação entre colecionadores e livreiros pode ser considerada também como perturbada, pois bibliófilos gostam de pechinchar e os vendedores querem negociar pelo preço que acham justo. Moraes (1998) conta que os bibliófilos ficam insatisfeitos quando sabem que um livreiro comprou um livro raro por um preço baixo e quer vender por um preço alto, mesmo que o livro valha o que é pedido.

No mundo da bibliofilia, a busca se concentra em obras raras, mas estabelecer o que é um livro raro é muito subjetivo, pois cada colecionador tem

um olhar diferente sobre cada objeto. Nem todo o livro antigo é raro e, no mundo da bibliofilia, o valor de um livro é calculado pelo o que representou para determinado contexto de sua época e como se encaixa em determinada coleção. Moraes (1998, p. 65) salienta que um livro para ser raro também precisa ser procurado:

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente, raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso.

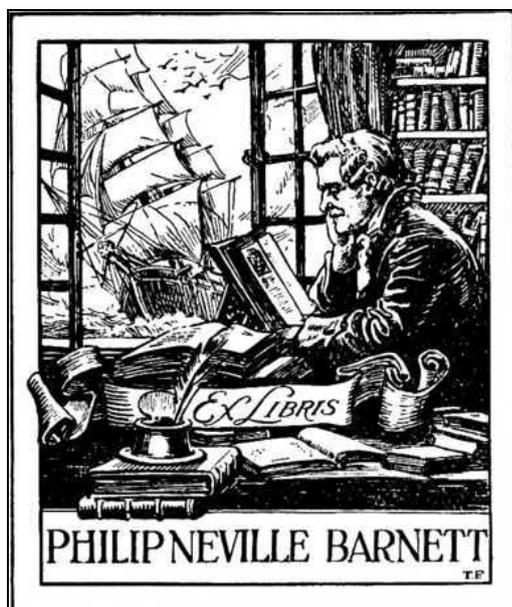
Detalhes como quantidade de edições, tipo de encadernação, tipo de caligrafia, erros tipográficos, dedicatórias dos autores, autor, ilustrador, edições de luxo, censuradas ou expurgadas, edições clandestinas, a existência de *ex-libris* ou *super-libris*, a existência de marginalia e até mesmo o preço alcançado pela obra em leilões internacionais e, é claro, a época em que foi editado dão a obra os valores necessários para ganhar status de objeto de desejo raro (ANTUNES, 2012)⁶.

O biotipo do livro é o que desperta a paixão dos colecionadores. Umberto Eco (2010, p. 19) afirma que “[...] bibliófilos deixam-se dominar pelo amor a esses componentes visuais e táteis, a tal ponto que não leem os livros que colecionam”. A valorização do objeto pode chegar a tamanho nível que a contemplação do livro na estante já basta para alimentar a paixão do colecionador.

Uma característica dos colecionadores de livros é a utilização de *ex-libris*, em latim, que significa “dentre os livros de”, “da biblioteca de”, que funciona como uma marca de cada colecionador como sinal de propriedade colocado em cada livro. A marca tinha ou tem por fim identificar o livro em caso de desvio ou furto, mas que é inútil nesses casos já que “[...] todas as marcas se apagam. Desde que há livros, sempre houve amigos ... dos livros alheios” (FRIEIRO, 1957, p. 136).

No *ex-libris* de Philip Neville Barnett é possível ver a paixão do bibliófilo pelo livro (FIGURA 10):

⁶ Informações fornecidas por Cristina Antunes no Seminário Mindlin 2012, em São Paulo, em julho de 2012.

FIGURA 9 – *Ex-libris* de Philip Neville Barnett

Fonte:

http://nzetc.victoria.ac.nz/tm/scholarly/Gov09_10Rail-fig-Gov09_10Rail039a.html

O ardor por livros pode transformar colecionadores em verdadeiros criminosos, Stephen Blumberg, ficou famoso nos anos 20 nos Estados Unidos por roubar cerca de 24 mil livros raros de bibliotecas públicas e universitárias em vários estados do país. Sem interesse em vendê-los, ele confessou quando foi preso, na década de 70, que “Apenas precisava tê-los, no intuito de salvá-los da destruição”.

Como conta Bloom (2003), na década de 1830, Don Vincent, o bibliotecário de um mosteiro perto de Tarragona na Espanha, abandonou a ordem e tornou-se vendedor de livros raros e ficou conhecido pelo fato de que comprava muito mais que vendia em sua loja. Ao perder o lance de um livro raro em um leilão, Don Vincent enlouquecido, assassinou o comprador e pegou o livro para si. Quando foi preso, Don Vincent se defendeu dizendo que: “Todo mundo vai morrer, cedo ou tarde, mas os bons livros precisam ser conservados”.

Em seu julgamento, o advogado de defesa, para tentar provar sua inocência, alegou que o livro encontrado em sua casa não era o mesmo que a vítima tinha comprado no leilão, pois existiam dois e até três exemplares do mesmo livro. Don Vincent, fora de controle e arrasado, gritou furioso em meio ao Tribunal: “Meu

exemplar não é o único?!”. Frase esta que repetiu milhares de vezes até ser executado (BLOM, 2003, p. 234).

O amor ao livro como objeto demonstra o quanto ele é valorizado na bibliofilia. O exagero às vezes se faz presente, mas os livros não deixam de ser os responsáveis pelo *fetichê* que despertam nos colecionadores, seus valores intrínsecos correspondem a anos de história, representados pelo valor material e informacional. “Para o colecionador a verdadeira liberdade de todo o livro é estar nalguma parte de suas estantes” (BENJAMIN, 1995, p. 232). E é nas suas estantes e em sua posse que o livro está protegido, a relação bibliófilo-livro é uma via de mão dupla, onde o livro encanta o bibliófilo e o bibliófilo cuida do livro.

4 BIBLIOFILIA E PRESERVAÇÃO DO SUPORTE LIVRO

Dentro da bibliofilia, a posse pode ser considerada como uma forma de preservação do livro. Este, por ser o elemento mais representativo na história do registro da escrita, quando integrado a uma coleção transforma-se em objeto de valor pelo conjunto de sua obra. O valor material é posto no mesmo patamar que o informacional e, a partir dos cuidados a eles dispensados pelos colecionadores, conseguem vencer as possíveis ações contrárias a sua duração.

4.1 A IMPORTÂNCIA DO LIVRO COMO SUPORTE DA INFORMAÇÃO

Diversos materiais já deram suporte físico para o livro: barro, papiro, pergaminho, papel. E isso leva a pensar que o livro, assim como Febvre e Martin (1992, p. 15) o definiram, é: “Um dos mais poderosos instrumentos que pode dispor a civilização ocidental para concentrar os pensamentos dispersos dos seus representantes [...]”. O compromisso de registro e compartilhamento de informações sempre esteve presente no suporte livro, independente do seu tipo de material.

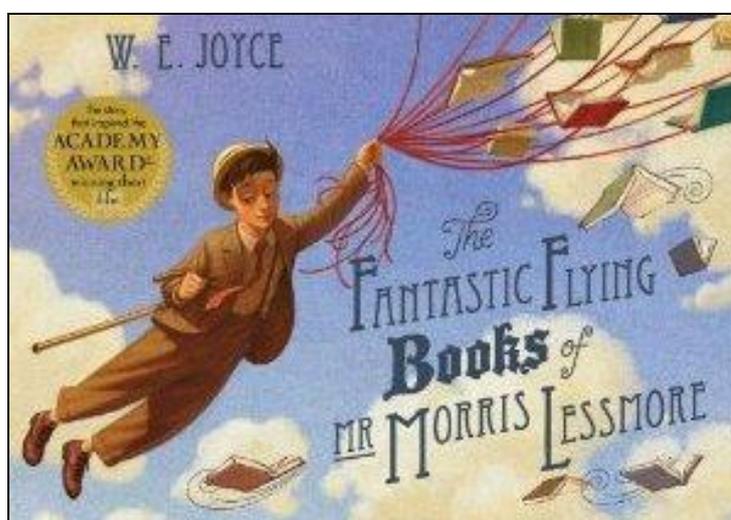
O livro permitiu ao ser humano registrar fatos da sua vida, armazenar o conhecimento desenvolvido e garantir o acesso as informações e descobertas às gerações posteriores. Porém, os mesmos livros que carregam tanta importância cultural foram, ao longo da história, vítimas de varias tentativas de repressão, sendo culpados por veicular informações que pudessem comprometer o poder político ou religioso. Fernando Báez (2006, p. 444) conta que:

Medo, ódio, soberba e sede de poder são o que sempre motivaram os biblioclastas, cuja intenção na verdade nunca foi destruir o objeto em si, mas o que este representava: o vínculo com a memória, o patrimônio de ideias de toda uma civilização.

O autor expõe que na narrativa da destruição dos livros, o ataque voluntário de pessoas a obras causou o desaparecimento de grande quantidade de livros, estes eram queimados, molhados, rasgados e os autores perseguidos. Além disso, alguns foram extintos por desastres como incêndios, inundações, terremotos etc., acidentes, animais, mudanças culturais e os próprios materiais com os quais os livros foram fabricados.

Mesmo enfrentando desafios os livros conseguiram chegar à Sociedade da Informação com o *status* de condutor da cultura escrita, Umberto Eco (2010, p.15) afirma que: “O livro, sob qualquer forma, permitiu que a escrita se personalizasse: representava uma porção de memória, até coletiva, mas selecionada segundo uma perspectiva pessoal. A FIGURA 10 divulga o curta metragem de animação ganhador do Oscar em 2011: “Os Fantásticos Livros Voadores do Sr. Morris Lessmore”. O filme é uma homenagem ao livro impresso, que conta a história de pessoas que dedicam suas vidas a cuidar de livros e como estes retribuem esses cuidados deixando a vida dos personagens mais coloridas e cheias de possibilidades.

FIGURA 10– Os Fantásticos Livros Voadores do Sr. Morris Lessmore



Fonte: <http://wonderfulworldofbooks.blogspot.com.br/2012/02/fantastic-flying-books-of-mr-morris.html>

Ainda que possua um *status*, nossa sociedade discute o fim do livro impresso, pois com o surgimento de novas tecnologias alguns julgam que ele se descaracteriza perante as inovações, visto que agora existem tecnologias as quais poderiam exercer sua função histórica. A fabricação de um livro sempre foi um processo em contínua evolução, inicialmente lento com as cópias manuais mas, com os desenvolvimentos tecnológicos, a impressão, a produção em massa também passou a fazer parte do processo.

O livro sempre se beneficiou dos progressos da tecnologia, tanto que acabou tomado por ela, o novo suporte criado para o livro agora é digital, onde as páginas antes impressas são virtualizadas na tela de um equipamento eletrônico. O livro atualmente nasce em meio digital e posteriormente é impresso, porém o que é

destacado atualmente pelos novos aparelhos eletrônicos é que a possibilidade da impressão não é mais necessária, pois eles dariam o suporte da leitura como o livro tradicional.

Essa relação de dar um novo suporte para leitura ainda é muito efêmera, pois o que o digital promete foge aos costumes enraizados na sociedade, o “fim” do livro acarretaria na mudança do modo de ler da sociedade, do papel para o virtual. Porém, o impresso ainda faz parte do cotidiano, pois existe uma relação afetiva aguçada pelo livro que afeta os sentidos do leitor: o tato, o olfato, a visão etc.

Além das tecnologias que prometem substituir as páginas de papel, a técnica da digitalização é outro método de substituição do documento impresso, pois tem como fim repassar a informação impressa para meio digital. Esse procedimento apresenta vantagens no contexto de dar também um sentido de preservação para as obras que sejam digitalizadas, ao digitalizar se preserva o suporte e se aumenta a abrangência da capacidade do compartilhamento das informações.

O historiador Roger Chartier (2002, p. 29) fala sobre a necessidade das bibliotecas digitalizarem suas coleções, mas defende que “[...] por mais fundamental que seja esse projeto de digitalização, ele nunca deve conduzir a relegação ou à destruição dos objetos impressos do passado.” O acesso ao objeto original deve ser mantido para que seja sempre garantida a possibilidade do acesso aos textos impressos em caso de extravio da cópia digital.

Colocar toda a informação impressa em formato eletrônico, ainda pode ser considerado uma utopia, pois o volume de dados impressos é imenso. As tecnologias não avançaram tanto para garantir a permanência da mesma informação que o livro guarda sem esforço. Enquanto que para o formato eletrônico seriam necessárias cópias e mais cópias de segurança, para um livro impresso, bastaria apenas um único exemplar guardado em condições adequadas.

A relação moderno com durável parece não existir, Eco (2009)⁷ sugere que “Os suportes modernos parecem estar mais direcionados à difusão da informação do que à sua conservação. O livro, no entanto, é o principal instrumento de difusão [...] e, ao mesmo tempo, de conservação”. Ao fazer uma simples comparação do suporte livro com os suportes digitais as suas vantagens são explícitas (mesmo considerando o inferior papel de polpa de madeira, que dura em torno de 70 anos).

⁷ Documento eletrônico.

A principal delas, o livro não necessita de fonte externa de energia, Eco e Carrière (2010, p. 30) ressaltam que: “Sem eletricidade está tudo irremediavelmente perdido. Em contrapartida, ainda poderemos ler livros, durante o dia, ou à noite à luz de uma vela [...]”. Além de problemas de fonte energética, existem também os problemas técnicos, magnéticos, de compatibilidade, de portabilidade, de *hardware*, de *software*, direitos autorais etc. que a nova tecnologia ainda precisa de definições de como enfrentar. Dziekaniak (2010, p. 93), lembra que apesar de o livro de papel não ter duração infinita e ser suscetível a ação do tempo:

[...] sua durabilidade ainda não foi superada por nenhum outro suporte. Sem contar que, para acesso ao conteúdo que nele se deposita, não é preciso nada mais do que saber ler, o que não ocorre com suportes eletrônicos e digitais.

Claro que cada suporte apresenta suas vantagens, no entanto as novas tecnologias ainda precisam de um maior aprimoramento para tentar figurar como uma possível substituta ao livro. Os aparelhos eletrônicos ainda carecem de aspectos básicos, como solução para falta de energia, problemas técnicos, direitos autorais etc. para ser uma tecnologia substitutiva do livro tradicional e sim podem ser considerados como mais uma alternativa para a leitura.

O livro em todos os seus tipos de corpos é o condutor da escrita e é provável que as várias versões coexistam para atender todos os gostos, pois cada versão de livro é representativa para um tipo de geração. Arnaldo Campos há quase 20 anos atrás, antes mesmo do desenvolvimento completo da *internet* e da invenção dos *e-books*, já traçava um panorama para o livro que ainda se apresenta:

Nada indica, portanto que o livro esteja condenado a morte a curto prazo. Um dia talvez venha a ter sua forma atual substituída por outra, mais prática e mais barata, mais ao gosto de futuras gerações. Mas seguirá sendo livro como foi o codex em substituição ao volumen. Em outra apresentação, de outro jeito, como ainda não podemos corretamente imaginar. Por enquanto e cremos que por muito tempo, como disse Svend Dahl,⁸ ‘o livro continuará com a vantagem de não ser passageiro como os demais meios de comunicação, mas um bem perdurável depósito de pensamentos e saberes, ações, sentimentos e fantasias da humanidade, sempre disposto a abrir-se de novo’ (CAMPOS, 1994a, p. 223).

⁸ DAHL, Svend. **Historia del libro**. Madrid, Alianza, 1987.

O livro como suporte da leitura tem evoluído conforme a sociedade presente o utiliza. Não se pode simplesmente desmerecer as novas tecnologias, sem avaliar as vantagens, desvantagens e implicações de sua utilização. Porém a tendência é não existir uma mudança radical no principal suporte da leitura, pois como Tony McKinley (1998, p. 36) sugere, “Obviamente para os puristas à moda antiga, os livros em papel ainda terão o seu charme”.

Muitas vezes que o novo se apresenta, o antigo é posto em cheque. A televisão não roubou o público do rádio e nem dos cinemas, e ainda são vários os exemplos que levam a crer que o sucessor não necessariamente extingue o primeiro. Uma vez que existem pessoas que gostam do tradicional, do que foi representativo em sua época e o livro percorreu várias gerações, sendo assim, admiradores são o que não lhe faltam e o não vão lhe faltar.

A presença efetiva que o livro tradicional proporciona em todas as suas possibilidades, faz como que para algumas pessoas seus valores materiais sejam subjetivados, o livro é considerado como objeto merecedor de fazer parte de uma organização que o abrigue e proteja, uma coleção e a partir disso ele continuará sendo muito mais que só o suporte da informação a qual lhe foi impresso.

4.2 A CONTRIBUIÇÃO DA BIBLIOFILIA PARA A PRESERVAÇÃO DO LIVRO

A preocupação com a preservação de documentos vem desde o início da civilização, muitos documentos e livros já foram encontrados em perfeito estado ao terem sido guardados em lugares apropriados por pessoas que se preocupavam com as suas condições, com isso sendo conservados por muitos séculos. As formas que podem ser adotadas na preservação variam conforme a necessidade de cada objeto. Silva (1998, p. 9) assinala que: “Preservação é toda ação que se destina a salvaguardar e proporcionar permanência aos materiais dos suportes que contêm a informação”.

Sendo assim a ato de colecionar itens bibliográficos pode ser considerado como uma forma de preservação desses suportes. Conforme Tânia Evangelista (2007) o interesse de pessoas de posses em manter em suas coleções livros raros e valiosos foi um dos motivos decisivos para que esses chegassem aos tempos atuais. Dentro de uma coleção particular de livros, a paixão e o cuidado são os aspectos motivantes que permeiam a preservação do livro.

Os acervos particulares formados por colecionadores representam a valorização do conjunto da obra livro e o que este representa como objeto. Murguia (2009, p. 88) afirma que “[...] o colecionismo de livros vai além da informação, pois a sua apropriação material está permeada por motivos diversos”. Os colecionadores veem o livro como um objeto colecionável e o seu acervo pessoal está investido de significados que vão além da percepção das outras pessoas.

Os colecionadores agregam valores às obras bibliográficas como um possível símbolo de seu individual, no espírito do colecionismo de se completar por meio de objetos algo que lhe falta. Pomian (1998, p. 73) previu que o bibliófilo, ao considerar o livro como objeto, o vê como “[...] inseparável de sua forma física, não sendo somente o suporte da informação [...] e sim como objeto visível, investido de significados”. A FIGURA 11 mostra um bibliófilo e seu acervo devidamente organizado segundo a ótica de Johann Hamza:

FIGURA 11 – O bibliófilo por Johann Hamza



Fonte:

<http://quadrogiz.blogspot.com.br/2012/07/brasil-de-joao-cabral-do-nascimento.html>

Os livros escolhidos para fazer parte de uma coleção são de alguma forma representativos para seus donos, pois aos olhos dos colecionadores, carregam em si muito mais que letras, dentro da coleção cada obra detém um valor e o conjunto

inspira uma função, primeiro pessoal e posteriormente social e cultural. As coleções particulares não são apenas um acúmulo de livros, elas carregam a sua devida importância, pois proveem informações contidas em livros únicos que representam talvez a única fonte de cultura e dados sobre uma determinada época.

A partir de entrevistas individuais com bibliófilos gaúchos, Melissa Amaral (2010) traçou um estudo sobre esse tipo de colecionador. Um dos aspectos abordados pela autora foi: *Qual a contribuição que a bibliofilia ofereceria para a preservação da memória no século XXI*. Os entrevistados responderam perguntas contextuais sobre seus acervos e sobre o papel do livro na sociedade atual.

Um dos bibliófilos entrevistados, Waldemar Torres, ao ser perguntado “no que considera mais importante no livro como objeto material” respondeu:

O livro é como um fetiche. Eu gosto de sentir a sua textura, cheirá-lo, manuseá-lo. E o papel da bibliofilia é resgatar coisas. Descobrir coisas novas. **Sem o livro e a bibliofilia, 80% da história da humanidade estaria perdida** (AMARAL, 2010, p. 56, grifo nosso)

O bibliófilo João Armando Nicotti para a pergunta: “qual a sua opinião em relação ao futuro dos livros impressos” afirmou:

Vão permanecer. [...] pelo menos enquanto tiver bibliófilos. Acho que o livro não termina, acho que sempre vai existir. É obra de arte, pelo menos esses que a gente guarda, que a gente conserva. **Acho que esse é o papel do bibliófilo, nós estamos conservando.** [...] Eu acho que muitas pessoas guardam livros, para o bem ou para o mal guardam. **Eu acho que a bibliofilia tem essa permanência do livro, deixa-o perpetuado** (AMARAL, 2010, p. 64, grifo nosso).

As respostas dos bibliófilos demonstram que os colecionadores têm consciência que o seu ato de colecionar contribui para a preservação da memória registrada e, apesar de valorizarem bastante as características materiais do livro, eles se preocupam e visualizam o contexto de que ao se preocupar com o material, automaticamente estão preservando a informação.

A partir dessas e das demais respostas, a autora do estudo pode concluir que a contribuição dos bibliófilos são imprescindíveis, visto que as suas coleções preservam livros raros que estão em poucas ou nenhuma biblioteca. E que mesmo nessa sociedade com diversos progressos em que o objeto livro evolui de suporte:

“As bibliotecas dos bibliófilos se tornarão cada vez mais valorizadas como fonte de conhecimentos para gerações futuras” (AMARAL, 2010, p. 40).

As conclusões da autora reforçam a partir da coleta de dados direto em fontes pessoais de informação, os próprios bibliófilos, a importância de suas coleções. Estas, apesar de serem iniciadas a partir de uma lógica individual e para o indivíduo, contribuem muito mais além do que só compor o imaginário do colecionador. Como o bibliófilo João Armando Nicotti afirmou “[...] enquanto tiver bibliófilos os livros vão permanecer”, Eco (2010, p. 53) corrobora e afirma que:

O bibliófilo não tem medo nem da internet, nem do cd-rom, nem dos e-books. Na internet ele já encontra os catálogos de antiquários, nos cd-rom as obras que um particular dificilmente poderia ter em casa, [...], num e-book estaria superdisposto a circular por aí com bibliografias e catálogos, tendo sempre consigo um repertório precioso, especialmente quando visita um feira do livro antigo. Quanto ao resto, confia em que, até os livros desaparecessem, sua coleção simplesmente duplicaria, que digo decuplicaria de valor.

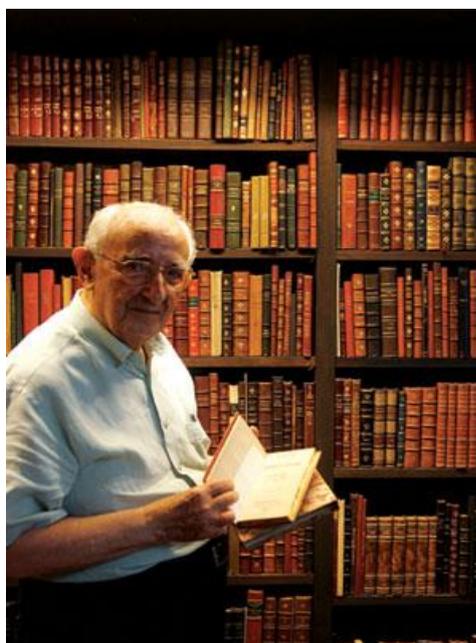
O dito mundo digital e suas infinitas possibilidades não irá fazer com que a bibliofilia desapareça e sim tome mais fôlego, atualmente tudo que é raro é valorizado. Quanto mais difícil for encontrar um livro impresso, melhor, pois o intuito do bibliófilo é ter sempre em mãos o impossível. Os bibliófilos serão eternos guardiões daquilo que possibilitou a representação do desenvolvimento do conhecimento humano. Conforme Chartier (1999, p.149) “O vigor da bibliofilia é insensível à revolução eletrônica, prova que o livro permanece uma entidade viva, já que ele passa de mão em mão e é colecionável”.

Os acervos particulares dos bibliófilos podem ser considerados como grandes e valiosas fontes de informação. Mesmo que o livro passe a ser editado só em meio digital, as obras que já foram impressas vão demorar muito para serem digitalizadas, isso se forem, e, a qualquer problema com a tecnologia, é ao papel que se vai recorrer.

Se todos tivessem consciência da importância dos livros, os bibliófilos não sofreriam os preconceitos que sofrem ao serem taxados de colecionadores egoístas e esbanjadores. Mindlin (1997, p. 213) afirmou que seu objetivo como bibliófilo sempre foi “[...] preservar uma herança do passado e conservar o que se faz de bom agora, com propósito de transmitir tudo isso para o futuro” e “inocular o vírus do

amor aos livros ao maior número de pessoas possível”. A FIGURA 12 retrata Mindlin em frente ao seu acervo:

FIGURA 12 – José Mindlin e seu acervo



Fonte:
perspectivabr.wordpress.com/2010/03/01/jose-mindlin-1914-2010/

Em 2006, o bibliófilo José Mindlin foi eleito Membro da Academia de Letras, o que veio representar a valorização do trabalho desse colecionador como preservador da cultura impressa e revelar a importância dos livros que ele mantinha sob sua tutela. Ele, ao saber de sua eleição, declarou: "De certa forma, corôa uma vida dedicada aos livros" (ARAÚJO, 2010)⁹.

A parte de seu acervo especializada no Brasil, a Brasiliana, foi doada para a Universidade de São Paulo (USP) e representar uma fonte riquíssima de obras que só estão acessíveis agora graças ao trabalho de Mindlin. Essa doação foi muito representativa e vai ajudar a informar um público muito maior sobre a história do Brasil. Foi denominada de Biblioteca Brasiliana e segundo informações em seu site:

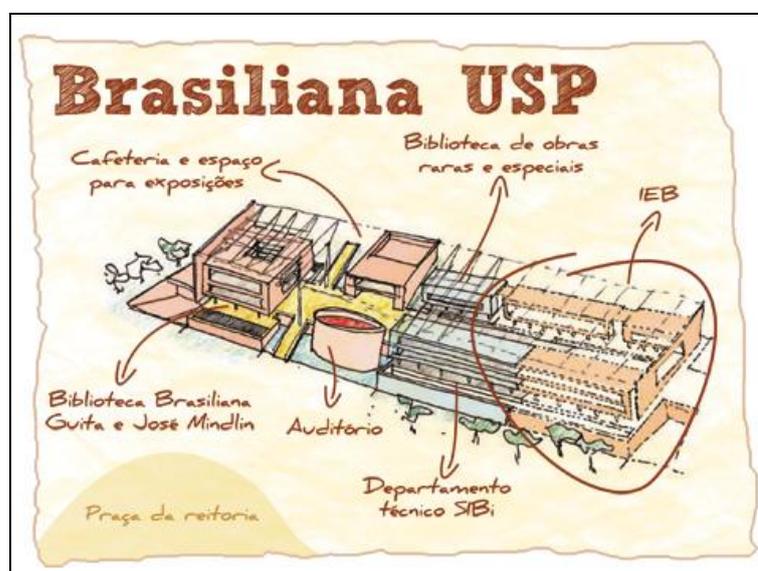
Com seu expressivo conjunto de livros e manuscritos, a biblioteca Mindlin é considerada a mais importante coleção do gênero formada por um particular. São cerca de 17.000 títulos, ou 40.000 volumes: obras de literatura brasileira (e portuguesa), relatos de viajantes,

⁹ Documento eletrônico.

manuscritos históricos e literários, originais e provas tipográficas, periódicos, livros científicos e didáticos, iconografia (estampas e álbuns ilustrados) e livros de artistas (gravuras) (BRASILIANA USP, 2012).¹⁰

A partir da doação, está sendo construído um prédio dedicado ao acervo físico (FIGURA 13) e um projeto de digitalização das obras. O bibliófilo José Mindlin sobre sua doação: “Nunca me considerei o dono desta biblioteca. Eu e Guita (esposa já falecida de Mindlin) éramos os guardiões destes livros que são um bem público.” (ARAÚJO, 2010)¹¹. Os livros para esse bibliófilo eram muito mais que objetos decorativos, sua missão era guardá-los para dar acesso.

FIGURA 13– Croqui de divulgação do prédio da Brasiliana USP



Fonte: <<http://www.jornaldocampus.usp.br>>

No Brasil, na década de 70, foi fundada a Associação Brasileira de Bibliófilos, seu presidente José Augusto Bezerra ressalta que as coleções particulares têm preservado melhor suas obras, “[...] em face de não estarem sujeitas a mudanças administrativas e terem o acompanhamento direto de seu próprio dono, independente da quantidade de volumes” (BEZERRA, 2007)¹².

A questão da administração dos acervos é um dos aspectos que pode dificultar a preservação e conservação dos conjuntos das obras. As diferentes

¹⁰ Documento eletrônico.

¹¹ Documento eletrônico.

¹² Documento eletrônico.

administrações as quais as bibliotecas passam sofrer com as possíveis mudanças de interesses dos gestores. Depender do interesse dos administradores da unidade de informação não deveria ser um problema, pois a preservação do objeto e de seu conteúdo, para possibilitar o posterior acesso, deve ser sempre a razão fim de uma unidade de informação.

O contrário fica facilmente visualizado nos acervos particulares, a preocupação com a preservação dos itens bibliográficos vem acima de tudo. Cléber Teixeira (2004, p. 16) afirma que “[...] bibliófilos são também parceiros do poder público”, pois a bibliofilia ao atender a um desejo pessoal primeiramente, presta também um serviço a seu país contribuindo com o Estado que, como se sabe, nem sempre dispensa o tratamento adequado ou por falta de recursos ou por falta de interesse à cultura.

A bibliofilia preserva um patrimônio que fica a mercê da boa vontade do poder público, tanto que as coleções particulares ao longo da história, já ajudaram a contribuir na composição de muitos acervos de bibliotecas públicas e universitárias revelando mais umas das contribuições da bibliofilia para a manutenção da memória escrita no suporte livro. Bezerra (2007)¹³ concorda que a bibliofilia possui uma função social em sua área de atuação:

Essa função social da bibliofilia, mesmo com seu caráter particular, estaria relacionada à possibilidade de ela preservar fontes que possam contribuir para que as novas gerações conheçam melhor o seu passado.

A raiz da bibliofilia sempre foi a de idolatrar o livro como objeto a partir de suas características materiais. Mesmo que seja contraditório, isso pode ser considerado função social, do ponto de vista que, o que aconteceria com as obras caso elas não fossem agregadas e cuidadas em uma coleção? Não se sabe, mas existe a possibilidade grande de que maioria não chegaria até os dias atuais por inúmeros motivos.

Como mais um exemplo, no registro da história de defesa dos livros, está a do Mosteiro de Saint Gall, atual Suíça, atacado em maio de 925. Os bárbaros pretendiam aniquilar os monges e atear fogo no lugar, o que significaria o fim de milhares de livros cuidadosamente armazenados. Uma mulher, chamada Wilborada,

¹³ Documento eletrônico.

(FIGURA 14) que se ocupava da biblioteca, teve uma visão e, entre o entardecer do dia anterior e a madrugada de 1º de maio, enterrou os livros. Segundo a história, os sitiados venceram os atacantes, o fogo, de qualquer maneira, consumia o mosteiro, e o corpo de Wilborada jazia sobre um monte de terra onde mais tarde foram encontrados os livros intactos. Seu ato lhe valeu a santidade e ela se tornou a padroeira absoluta dos bibliófilos (BÁEZ, 2006).

FIGURA 14– Wilborada



Fonte: <<http://tcbranco.blogspot.com.br>>

Ao fazer parte de uma coleção, o livro encontra-se em uma redoma, onde a posse particular significa a preservação do objeto. Mesmo que o bibliófilo não tenha a concepção inicial de pensar no futuro, na preservação do livro, o ato do agrupamento e acondicionamento transforma, mesmo que inconscientemente, um bibliófilo em um preservador da memória registrada nas páginas de seus livros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quem não se lembra do seu primeiro livro? Quem não se lembra das histórias contadas na infância pelos pais antes de dormir? São esses livros agora que estão nas estantes, velhinhos, mas com muito valor simbólico agregado, na perspectiva individual de cada lembrança que suscitam. E eles estão lá ao alcance dos olhos e das mãos.

O livro digital pode até tentar convencer que tem vantagens, e as tem, tudo bem, pode-se ter mais de mil obras dentro de um só aparelho, mas como colocar um livro digital na estante? E a série de lombadas dispostas uma ao lado da outra formando o conjunto da ordem desordenada que está presente só na cabeça do organizador?

Pode-se ler o que está escrito em um papiro de 500 anos, mas não consegue-se acessar o conteúdo de uma mídia digital de menos de 10 anos? Que relação é essa? O que é mais importante mesmo? O acesso ou a duração do acesso? Para alguns da sociedade atual, só o acesso. Mas não levam em conta que o acesso só se dá através da manutenção do suporte. Daquele mesmo que não precisa ligar na tomada.

“Porque tudo no mundo existe para acabar num livro,” como disse Mallarmé, ou tudo também pode tentar parecer um livro, o *desing* do *e-book* se aproxima e muito de uma imitação do livro em papel e tenta através desse conceito atrair os leitores. O que demonstra mais ainda a satisfação a qual os livros passam, que venham mais imitações, pois o livro inspirara e sobreviverá a todas elas.

E sim, sobreviveu, graças a muitos bibliófilos que os guardaram a sete chaves, por que para eles, os livros são feitos para serem cuidados, venerados e talvez emprestados, mas para uma pessoa de muita confiança, mas muita mesmo. Pode ser egoísmo, mas um livro representa para esse tipo de colecionador muito mais que uma só leitura, é um monumento em sua totalidade física.

Um acervo particular é um pilar que ajuda a sustentar a imaginação, o *stress* do dia a dia, é um conjunto de obras que representa a percepção de seu dono e para ele tem significados desconhecidos para os outros. Uma coleção que passou por uma seleção e organização, que talvez pudesse nem ter existido se não tivesse sido composta por aquela pessoa naquele momento.

E se hoje alguns dos livros mais raros e importantes já editados, estão aqui, é por que houve alguém que se preocupou e tudo que emana preocupação é porque tem valor. O valor informacional sim, mas para acessar esse valor há de se preservar o suporte, e sim, nada mais bem inventado que o livro como suporte durável. E nada melhor para preservar algo do que a paixão por aquilo, a paixão cuida e trata bem.

Bibliófilos são heróis, que guardam tesouros! São eles que priorizam o livro como objeto, na sua essência total, o material, a encadernação, as ilustrações e o conhecimento que perpassam das letras gravadas. A informação esculpida em cada exemplar é a responsável por muitas das evoluções da humanidade, e o livro está sempre disposto a abrir-se mais uma vez para compartilhar com outro leitor seu conteúdo.

Os bibliófilos foram e são importantes em todas as épocas, se o livro ficar definitivamente no meio virtual? Não importa, pois as coleções ainda estarão lá, cada vez mais valiosas como fonte de conhecimento para as próximas gerações, para provar que o mais importante é o que o objeto livro representa para a humanidade no seu inteiro teor.

REFERENCIAS

AMARAL, Melissa do Prado. **Do prazer de ler a arte de colecionar obras raras:** desvendando o percurso do leitor que se torna bibliófilo. 2010. 84f. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Biblioteconomia). Departamento de Ciências da Informação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

ANTUNES, Cristina. **Livros, imaginário, colecionismo e raridade.** Palestra proferida no Seminário Mindlin 2012 – Plantin e Craesbeeck: um mundo sobre papel: livros, gravuras e mapas na era dos descobrimentos São Paulo: 2012.

ARAÚJO, Marcos Roberto. Escrevam um livro sobre José Mindlin... e o preservem. In: **CONRERP/2**º.02 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.conrerp2.org.br/index.php?pagina=escrevam-um-livro-sobre-jose-mindlin-e-o-preservem>>. Acesso em: 05 nov. 2011

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros:** das tábuas da Suméria à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. 437 p.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador. In: _____. **Rua de mão única:** obras escolhidas. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. v.2, p. 227-235

BENÍCIO, Christine Dantas. **Do livro impresso ao e-book:** o paradigma do suporte na biblioteca eletrônica. 2003. 142 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/FFC9B1D48DBC3AA703256FB80060B49B/\\$File/NT000A4BB6.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/FFC9B1D48DBC3AA703256FB80060B49B/$File/NT000A4BB6.pdf)> Acesso em: 18 ago. 2012

BEZERRA, José Augusto. Função social da bibliofilia. In: **Diário do Nordeste.** 24 out. 2007. Disponível em <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=481430>>. Acesso em: 03 out. 2012

BLOM, Philipp. Ter e Manter. **Uma história íntima de colecionadores e coleções.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2003. 303 p.

BRASILIANA USP. 2012. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/node/503>>. Acesso em: 03 nov. 2012

BRAGANÇA, Aníbal et al. **O consumidor de livros de segunda mão:** perfil dos clientes dos sebos. 53 f. 2005. Pesquisa realizada em São Paulo e Rio de Janeiro, dentro do Projeto “O Público da Cultura”, coordenado pelo Prof. Dr. Teixeira Coelho, como atividade acadêmica dos autores no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo – USP, no primeiro semestre de 1992. Disponível em: <www.uff.br/lihed/images/anibal_livros/consumidor.pdf>. Acesso em: 20 maio 2012.

BURY, Richard de. **Philobibliion**. Tradução de Marcello Rollemberg. Cotia, SP: Ateliê Editorial: 2004.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, Instituto Estadual do Livro, 1994a. 234 p.

CAMPOS, Arnaldo. A arte do livro. In: Zilá Bernd (Org.). **A magia do papel**. Porto Alegre: Riocell / Marprom, 1994b. p. 71- 83.

CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, v. 8, n.21, p. 185-199, 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012> Acesso em 20 maio 2012

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. UNESP. 2002

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro - do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. 159 p.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 231 p.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004. 168 p.

DZIEKANIAK, Gisele. Considerações sobre o e-book: do hipertexto à preservação digital. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 1, n.2, p.83-99, jul./dez. 2010. Disponível em: <www.brappci.ufpr.br/download.php?dd0=16400> Acesso em 29 set. 2012

ECO, Umberto. **A memória vegetal e outros escritos sobre a bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010. 271 p.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contém com o fim do livro**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2010. 269 p.

ECO, Umberto. Sobre a transitoriedade dos suportes. In: **Terra Magazine**. 22 abr. 2009. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3718541-EI12929,00.html>>. Acesso em: 20 de set. de 2012.

EVANGELISTA, Tânia. **Hypnerotomachia Poliphili**: das prensas de Aldus Manutius no século XV à biblioteca particular do bibliófilo José Mindlin nos dias de hoje. 2007. 108f. Trabalho de conclusão de curso. (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henry-Jean. **O aparecimento do livro**. São Paulo, UNESP/Hucitec, 1992. 509 p.

FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. Belo Horizonte: Livraria Paulo Bluhm, 1941. 139 p.

FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. 3. ed. São Paulo : Pensamento, 1957. 212 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

HOUAISS, Antônio. **Elementos de bibliologia**. Rio de Janeiro: INL, 1967. 500 p.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. il. rev. e atual. São Paulo: Ática, 1998. 519 p.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: Edusp: Companhia das Letras, 1997. 231 p.

TEIXEIRA, Cléber. José Mindlin. In: MINDLIN, José. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2004. p. 15-19.

MCKINLEY, Tony. **Do papel até a Web**. São Paulo: Quark Books, 1998.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 1998. 203 p.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, n. esp., p. 87-104, jan/jun. 2009. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14712771007.pdf>>. Acesso em: 01 fev 2012.

MURGUIA, Eduardo Ismael; PREDROCHI, M. A. O devir de uma coleção: a institucionalização do Museu "Eduardo Andrea Matarazzo" de Armas, Veículos e Máquinas. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 8, 2007, Salvador. **Anais...** Bahia: UFBA, 2007. Disponível em: <www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--100.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2012

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, 2º sem. 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em 21 maio 2012.

PEQUENA história do livro digital. [2011]. Postado no Blog Mundo Editorial. Disponível em: <<http://mundo-editorial.blogspot.com.br/2011/09/pequena-historia-do-livro-digital.html>>. Acesso em: 10 out. 2012.

PEREIRA, Rosa Maria Alves. Gabinetes de curiosidades e os primórdios da ilustração científica, In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2, Campinas. **Anais...** São Paulo: UNICAMP, 2006. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2006/PEREIRA,%20Rosa%20Maria%20Alves%20-%20IIIEHA.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopedia Einaudi**: Memória e história. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. p.51-86. Disponível em: <[http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20\(1984b\).pdf](http://flanelografo.com.br/impermanencia/biblioteca/Pomian%20(1984b).pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2012.

POMIAN, K. História cultural, história dos semióforos. In: RIOUX, J. P.; SIRINELLI, J. F. (Orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A Bibliofilia no Brasil**. 2011. 303 f. Tese (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

SILVA, Carlos Lima. **Colecionar**: do ideal temático às posses que lhe dão tangibilidade e concretude ao estender o eu (self) do colecionador. Tese (Doutorado em comportamento do consumidor)- Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Conde de Albite. **Algumas reflexões sobre a preservação de acervos em arquivos e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1998. 34 p.

SOBRINO, Hipólito Escolar. **História do livro em cinco mil palavras**. Brasília: Quiron, 1977. 48 p.

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101 p.

VIAL, Andréa Dias. **O colecionismo no período entre guerras**: a contribuição da sociedade de etnografia e folclore para a formação de coleções etnográficas. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-24112009-101512/pt-br.php>> Acesso em 10 out. 2012

ZAMORA, Rosa Maria Fernández de; LÓPEZ, Héctor Guillermo Alfaro. Reflexiones em torno de la bibliofilia y el patrimonio cultural: el caso de los impresos mexicanos del siglo XV. **Infodiversidad**. Buenos Aires: Sociedad de investigaciones bibliotecológicas, n.11, p. 41-64, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=27701102>>. Acesso em: 30 maio 2012